



Parceiros das Missões

Brasília -Fevereiro de 2016 - Ano V- N° 43

Missionária morre em Moçambique (pág. 3)



Ir. Bernardete

Pra começo de conversa

Aquele que escutou o chamado do Mestre para pregar o Evangelho a todos os povos, não pode ficar acomodado. Um modelo é a religiosa Ir. Amelia Marcon falecida em Moçambique no ano passado. Ainda em 2012 escreveu ao jornal Parceiros das Missões: “quem opta pela Missão e pelo Reino não consegue acomodar-se”. Deus escolhe pessoas especiais para se dedicarem à pregação da boa nova. E estas pessoas simplesmente disseram sim e se entregaram à paixão pela vida de total doação. Este é o perfil de um legítimo missionário, exemplo para os novos discípulos de Cristo, neste século 21.

Nesta edição, retratamos a difícil vida dos missionários e missionárias em países distantes bem como em terras do Mato Grosso e Amazonas e homenageamos os que doaram sua vidas pela Causa. Novas amélias e bernardetes surgirão caminhando pela trilha por elas deixadas em novos caminhos missionários. Vale a pena ser missionário ou missionária!

O editor

Jovens em férias no Pará: experiência missionária



63 jovens visitaram os mais pobres (pág. 2))

Angola: a terra mãe do coração

Pe. Marcos relata a difícil situação
da mulher naquele país
(pág. 4-5-6)



63 jovens realizam experiência missionária no Pará

Os 63 jovens participantes da primeira Experiência Missionária das Pontifícias Obras Missionárias, que aconteceu em Ananindeua, região metropolitana de Belém (PA), de 5 a 15 de janeiro, realizaram, além de visitas às casas, atividades recreativas que promoveram a dignidade humana e o cuidado com a natureza. A partir de oficinas sobre meio ambiente, direitos humanos e saúde comunitária, os jovens prestaram serviços missionários a partir de suas formações profissionais.

As temáticas trabalhadas pelos jovens foram escolhidas após um mapeamento das necessidades feito pela equipe local. “Não estamos ensinando, mas despertando o sentido de que é possível mudar, melhorar, nos cuidarmos mais”, comenta Leidiane dos Santos, integrante da equipe de organização da Missão. “Temos a esperança de que quando acabarmos a experiência, tanto as famílias visitadas, quanto as pessoas atendidas nas ações, continuem a promover a mudança, contribuindo para a vida comunitária”, observa.

Saúde comunitária

“Trabalhamos para ajudar na conscientização da comunidade de que a saúde é um direito. A missão é fazer com que esses direitos sejam respeitados e a saúde comunitária é pensar o bem comum de um povo”, ressalta Camila Fernandes, coordenadora da Juventude Missionária (JM) do Piauí e uma das facilitadoras da oficina sobre saúde comunitária. “Fazemos as visitas pela manhã. Nelas conseguimos partilhar a vida com as pessoas e assim mapeamos as maiores deficiências nas três áreas. Durante a tarde, no salão das comunidades, orientamos ações a partir do que vimos”, ressalta.

Meio ambiente

“Desejamos mostrar às comunidades que é possível, através das alternativas apresentadas, buscar um novo estilo de vida que se torna mais coerente com uma cultura que gere menos impacto ao meio ambiente”, ressalta Solivan Altoé, coordenador da Juventude Missionária do Espírito Santo e um dos facilitadores da oficina sobre meio ambiente. “Há alternativas sustentáveis, como a coleta seletiva e a reciclagem, a compostagem, o tratamento da água com sementes de moringa. Essas tecnologias sociais, que se adaptam a realidade, são alternativas de baixo custo que promovem be-



nefícios ambientais e econômicos às famílias que aderem”, lembra.

Direitos humanos

“Tornar conhecido os direitos nas comunidades onde estamos, que são localidades pobres. A partir desta oficina relembramos a sacralidade da vida, a partir do Evangelho, dos documentos da Igreja, como a Encíclica, de São João XXIII, Pacem in Terris, um tratado sobre a paz entre todos os povos, a justiça, o amor e a liberdade”, ressalta Marciano Pereira. “Nas reflexões buscamos ajudar as pessoas que garantam sua dignidade. É preciso lembrar que todos somos filhos e filhas de Deus e que a vida deve ser respeitada”. (Guilherme Cavalli, secretário da Juventude, das POM)



SGAN 905 - 70790-050 Brasília - DF
Fone 3340.4494

E-mail: parceirosdasmissoes@pom.org.br

Jornal Digital das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil
Brasília -Fevereiro de 2016 - Ano V - N° 43

Diretor: Pe. Camilo Pauletti

Edição: Jorn. Camilo Simon (Reg. Prof. n° 3248)

Missionária gaúcha morre em acidente de carro em Moçambique

As Pontifícias Obras Missionárias (POM) prestam uma homenagem póstuma à missionária gaúcha Ir. Bernardete Fengler, da Congregação Notre Dame, que faleceu no dia 20 de janeiro, na cidade de Chimoio, Moçambique, onde exercia sua atividade em Jécua. Foi vítima de um acidente automobilístico.

Ir. Bernardete era natural de Carazinho e sua vida foi marcada pela adesão total ao Mestre, a ponto de partir para a missão da Congregação em Moçambique, depois de exercer inúmeras atividades no Brasil. Ainda no dia 5 de janeiro de 2016 esteve visitando sua família e participando do Capítulo da Congregação. No dia 7 de janeiro voltou a Chimoio, onde sofreu um acidente que a levou ao hospital, vindo a falecer.

Há mais de vinte anos que a Congregação exerce missão além-fronteiras em Moçambique. Em 1994, a Congregação Notre Dame assumiu um trabalho de formação de lideranças a nível de diocese e trabalhos sociais, tais como: organização e construção de escolas comunitárias, latrinas e furos para água, saúde preventiva, alfabetização de mulheres, grupos de mulheres para produção de pão. No ano de 2000 foi a vez do Lar Feminino com 84 internas de 8ª à 12ª classe na Missão de Jécua. E continuou com o trabalho de pastoral da saúde, grupos de mulheres, pastoral paroquial e saúde preventiva.

A comunidade informa que as vilas de **Mai a Murungu** de Jécua atualmente está com as seguintes atividades: educação de meninas adolescentes e jovens no Lar Cristo Rei, medicina natural, direção da Escola Secundária Comunitária Cristo Rei de Jécua, projetos pastorais, Comissão de Justiça e Paz a fim de ajudarmos na emergente reconstrução do país, assistência aos pobres, viúvas, desenvolvimento das comunidades, elaboração de material para as pequenas comunidades cristãs da Paróquia. Colaboramos nas



Ir. Bernardete

pastorais da Paróquia como catequese, jovens, famílias, Infância Missionária, Justiça e Paz, evangelização, nas comissões diocesanas e na Universidade Católica de Moçambique. Ir. Bernardete esteve envolvida em todas estas iniciativas.

Comunidade Júria Munatsi - Chimoio

No ano de 2001 formamos nova comunidade no bairro Sete de Abril, na cidade de Chimoio, capital da Província de Manica. Temos uma casa de formação para nossas vocacionadas à vida religiosa.

Nesta localidade percebemos a grande necessidade de uma escolinha informal para as crianças que ali vivem, pois estas passam grande parte do dia a brincar nas ruas. Em janeiro de 2010, iniciamos a construção de um alpendre para atender crianças de 3 a 5 anos. Em julho de 2010 iniciamos as atividades com 50 crianças de 3 a 5 anos. No dia 02 de maio de 2011, abrimos a escola, com 60 alunos divididos em três turmas conforme a idade de 3, 4 e 5 anos. Em 2012 tivemos 105 crianças de 3 a 5 anos, divididas em quatro turmas. Em 2013 iniciou com a 1ª classe. E assim, gradativamente, com a Escola Básica, de 1ª a 7ª classe.

Além da Escola temos as seguintes atividades:

- Casa de formação de Aspirantes ND.
- Comunidade Cristã local: Pequenas comunidades cristãs e pastorais diversas.
- Paróquia: catequese, vocações, pastoral do dízimo, Legião de Maria, Infância e Adolescência Missionária, formação de lideranças, ministros da Eucaristia.
- Diocese: Secretariado e participação nas comissões diocesanas.

As POM solidariza-se com a Congregação Notre Dame, que perdeu uma de suas missionárias. Certamente esta morte será semente de novas vocações missionárias para a Igreja.



Ir. Bernardete pertencia à comunidade de Jécua composta por cinco irmãs. (Ir. Bernardete é a segunda da esquerda para a direita)

Angola terra da Mama Muxima (mãe do coração)

São muitos os testemunhos de missionários brasileiros em terras distantes. Aqui o Pe. Marcos Gumieiro, da Congregação da Missão (Vicentinos) nos rerata seus sentimentos na Missão de Lombre, Malanje, em Angola e a situação da mulher naquele povo.

“Hoje, dia 30 de julho completo meus primeiros seis meses na Missão de Lombe - Malanje - Angola, e partilho um pouco da experiência deste pouco tempo nesta realidade onde a cada dia que passa tenho a oportunidade de acompanhar e entender um pouco mais a vida do povo que luta dia a dia para não morrer tão rápido. Em Lombe, muitas vezes me sinto como médico em seu consultório, as pessoas chegam e apresentam os sintomas de suas enfermidades ;Que me dói a cabeça! ;Que me dói o peito! ;Que me dói a coluna e os pés! ;Que não consigo caminhar! ;Que não consigo trabalhar! ;Que não consigo comer nem beber! E depois de tudo isso: ;Que não tenho remédio! ;Que não tenho dinheiro! ;Que não tenho quem me de algo! ;Que já tentei de tudo! E ao final ;Que só se entregou a Deus! ou ;Que já morreu! As pessoas temem dramaticamente estar doentes, pois sabem por experiência que dificilmente sairão com vida. No entanto, o melhor da vida é ter saúde. Isto eles manifestam na maneira de cumprimentar no início do dia: Como dormiste? Como passou a noite? Como está o corpo? Como está a vida? Saudar desta maneira é um rito que seguem pequenos e grandes, seja em português ou em kimbundo, e aponta diretamente ao tema de maior interesse desta gente: a saúde e a esperança de se recuperar logo. A melhor resposta e pela qual vale a pena dar graças é: “dormi bem” (ngansequele kyambote), mas quando têm um pouco mais de confiança a resposta é “não estou nada bem” (Kingansequele kyambote).

Como não sou médico, nem psicólogo, nem sociólogo, não pretendo analisar os traumas físicos, psíquicos e sociais das enfermidades desta gente (ainda que seria conveniente fazer), senão o que me detêm no que encontro como maior contradição a vontade de Deus para todos seus filhos e filhas do mundo inteiro: que tenham vida e a tenham em abundância ! Creio que em Angola, ou mesmo em Lombe, não posso dizer que esta gente tem vida em abundância, pois se acaba rápido, melhor dizendo, muito rápido. E como a causa da morte, fora da nossa fragilidade, sempre é o pecado, a morte de os angolanos encontra sua raiz última na injustiça. O que ocorre é que esta gente depois de

tantas injustiças vividas diante do que lhes resta antes de morrer são precisamente as enfermidades. Disto sofrem todos os angolanos e angolanas pobres, é dizer, aqueles que não pertencem a classe político-militar (e hoje pode-se agregar, empresarial), mas sofrem de uma maneira mais profunda e acelerada as mulheres pobres e os filhos e filhas destas mulheres. É deles que quero lhes falar, pois são, ao meu modo de ver Jesus cruzificado em Angola, tão humilhados e tão vulneráveis como antes na colina do Gólgota. A imagem que coloco logo abaixo, é de uma senhora da aldeia Talahari(em Kimbundo significa sofrimento), que acaba de regressar da roça e carrega a sua filha às costas.



1. As mulheres Angolanas-camponesas nascem, crescem, se reproduzem e morrem quase como escravas.

A Constituição da República de Angola (2010) afirma que este país “é uma república soberana e independente baseada na dignidade da pessoa humana. O objetivo fundamental é construir uma sociedade livre, mais livre de verdade. Como em muitos de nossos países latino americanos, a mulher segue sendo submetida pelo homem e recebe uma dupla ou tripla marginalização: ser pobre, ser camponesa e ser mulher. Não posso negar que

existem alguns sinais de mudanças (mulheres em cargos públicos, mulheres estudando nas universidades, inclusive no exterior, mulheres apoiadas e amadas por seus esposos, mulheres que vivem em liberdade e respeito), mas ainda falta muito por fazer, sobretudo tratando-se de uma comunidade rural como Lombe.

Quando caminho pelos bairros e comunidades de nossa missão, no final da tarde, encontro o homem sentado na cadeira ou no banco e a mulher sentada no chão. Quando entro nas pequenas capelas da nossa paróquia encontro os homens sentados nas cadeiras ou bancos e as mulheres sentadas na esteira. Na casa a mulher é a responsável de cozinhar, buscar água no poço ou no rio trazendo a vasilha sobre a cabeça, lavando a roupa, carregando o filho amarrado nas costas. No entanto, o marido e os filhos homens maiores, sentados esperando a comida ou a água para beber, também ficam incomodados com o choro das crianças mais pequenas e se sentem com autoridade para chamar a atenção da mulher para que acalme a criança.; as vezes estão bêbados.

Quando vou de uma comunidade para outra, muito cedo, pois saímos às 06 hs da manhã, encontro muitas mulheres com seus cestos, bacias ou alguma outra vasilha de água na cabeça. Caminham rumo a roça, quase sempre vão sozinhas ou em grupos de senhoras com as filhas mais velhas. Se acaso o marido estiver junto, quem leva a carga é a mulher.

Quando pergunto às mulheres se sabem ler, a resposta geralmente é a mesma: “não”. Quando lhes pergunto se desejariam aprender a ler a resposta - não verbal - geralmente é a mesma: um sorriso, um baixar a cabeça e um olhar perdido. Nisto não se distinguem muitos os homens, mas o número maior de analfabetos são as mulheres. A mulher camponesa é a analfabeta que trabalha a terra caminhando longas distâncias debaixo do sol ou da chuva, tossindo, descalças e com os pés rachados, resistindo dores, e preocupadas com os filhos que deixou em casa, com a preocupação por não chegar noite em casa e atrasar a preparação da comida, geralmente preparada num fogareiro a carvão no pátio da casa. A mulher é a que lava a roupa, cuida das crianças, busca a água, corta a lenha, etc. Ela é a responsável por tudo e é inferior a seu marido, ao catequista, ao



Buscando água

professor, ao soba (rei da aldeia), etc. Com tanta inferioridade ela está exposta a todo tipo de humilhações e abusos e os recebe como “normais” e até “justos”. (Continua na pág.6)



Pe. Marcos na missão ao lado e embaixo



2. Os filhos são lançados ao mundo e somente alguns se salvam

Ser filho de uma mulher tão pobre, tão vulnerável, tão “nada” é o pior que possa ocorrer a alguém em Angola. E assim é, os filhos destas mulheres são os mais expostos à morte e sem medo de me equivocar me atrevo a dizer que, morrem pelo menos a metade dos que nascem.

A mulher ignorante permite que assassinem seu filho quando o acusam de feiticeiro. A mulher alcoólatra mata a seu próprio filho que carrega nas costas, quando deita em cima da criança ou ao deixar a criança cair no chão. A mulher que não é atendida no posto médico e deixa que seu filho doente seja tratado com ervas, raízes e alguns amuletos que muitas vezes não dão os resultados esperados. A mulher sozinha que necessita ser protegida por um homem, se junta com um e logo com outro, se o primeiro lhe repudia, cada um deles lhe dá filhos, mas como todos estão sob seus cuidados, muitos escapam de sua vista, comem terra, recebem golpes na cabeça e em outras partes do corpo pelas constantes brigas com outros meninos, por acidentes de carro ou moto, caindo de árvores, queimaduras com água quente ou óleo quente. A mulher lavradora, se consagra à sua terra como se fosse um casamento. Todos os dias, durante o tempo de sua vida sempre vai para a roça, quase sempre deixa em casa os seus filhos para que vão à escola e cuidem dos mais pequenos (Já presenciei situações onde a criança mais velha tinha somente 7 anos e ficava cuidando dos irmãos menores), então as possibilidades de morte destas crianças cresce espontaneamente, pois os pequeninos ficam aos cuidados de outro pequeno.

Os acusados de feiticeiros, os desnutridos e desidratados nas costas de suas próprias mães, os que vão à escola sem comer, os que não esperam um almoço, os que só comem a noite quando a mãe tem vontade de cozinhar, os abandonados, os atropelados nas ruas, os que brincam de uma casa a outra quando morrem seus responsáveis, os que não voltam a ver a seus irmãos, os que não estudam, os que têm dez anos e ainda estão na primeira série da escola, os que não recebem roupas novas nem recebem presentes nem nenhum tipo de carinho, os que têm malária e não são atendidos nos postos

médicos, os que não entendem nada e aguentam tudo no silêncio, os sempre sujos e com os olhos e cabelos cheios de pó, com barrigas grandes e queimaduras na pele, os que sempre pedem dinheiro e passam fome, os que ainda sendo meninas se convertem em mães... Eis realidade das mulheres pobres e de seus filhos. Não é toda a realidade, pois também se encontram exceções agradáveis. Existem famílias exemplares, pais responsáveis, mães conscientes e filhos bem cuidados, mais são precisamente isso, exceções. A grande maioria dos que participam na Igreja são as mulheres e as crianças. As mulheres com suas roupas coloridas, com seus panos envoltos nos ombros e



As mulheres com vestes de festas

amarrados à cintura, com estampas do sagrado Coração de Jesus, Coração de Maria, Nossa Senhora das Graças, de Fátima, de Lourdes, São José, etc., parecendo uma ladainha viva.

Ao olharmos para o Evangelho vemos que Nosso Senhor Jesus também viveu num ambiente muito parecido, cheio de doentes físicos e mentais, de mulheres repudiadas e crianças considerados os últimos da sociedade, mas pensou e fez as coisas de uma maneira diferente, pois as incluiu em seu movimento, pois também eram discípulas e recebeu às crianças pedindo com insistência “deixem que eles venham a mim, não os impeçam”.

Peço ao Senhor que não permita que eu passe sem contemplar estes feridos pelos caminhos de Angola. Um grande abraço a todos

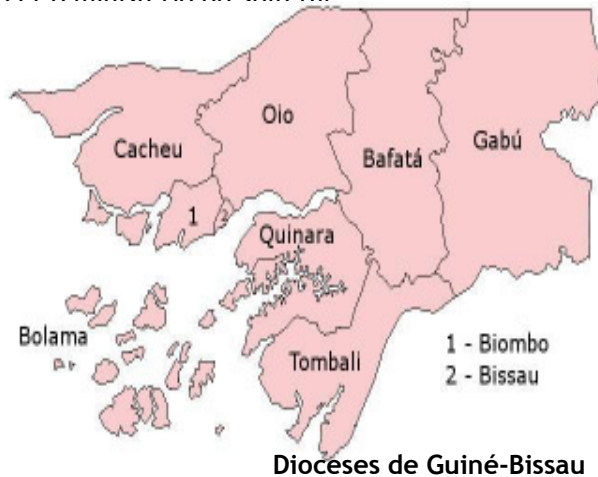
Unidos na oração e na missão

Pe. Marcos Gumieiro, CM

Projeto missionário da CNBB envia professores a Guiné-Bissau

Segundo informou o Padre Guido Boufleur da diocese de Santo Ângelo, no seu relato sobre sua viagem a Guiné-Bissau, “este projeto envia professores de filosofia, e teologia para as dioceses de Bissau e Bafatá, durante o período de férias escolares no Brasil. No decorrer destes últimos anos já atuaram neste projeto diversos professores/as. No mês de janeiro de 2013, quem veio pelo projeto para lecionar na área bíblica foi Padre Décio Walker, padre da diocese de Santo Ângelo, RS. Em 2014 fui convidado para ministrar a cadeira de História da Filosofia Antiga e Medieval. Agora, no mês de janeiro de 2016 repetiu-se o convite. Os alunos são dóceis, atentos e bem interessados quanto à explanação da temática própria à disciplina da História do Pensamento pela forma como ele se desdobrou no Ocidente desde o tempo dos gregos.

Quanto à atividades pastorais, aos sábados e domingos em paróquias das dioceses de Bissau e Bafatá, o que dava para dizer é que estas quatro semanas passaram muito rápido. Fazer parte de uma missão como esta, que não ultrapassa, a bem dizer, a um período de férias dos padres no Brasil, é claro, vale como uma experiência expressiva em ordem a toda uma visão de Igreja e definitiva relativa às atividades pastorais que tenho pela frente na diocese de Santo Ângelo, RS, diocese na qual me cabe exercer o ministério presbiteral



Realidade de Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau, país lusófono, ou seja, país de língua portuguesa está situado acima da linha do equador, na costa ocidental da África, aproximadamente na mesma altura como o Estado da Bahia, no Brasil. Quanto ao clima, o ano se divide em dois períodos: a estação das chuvas, correspondendo aos meses maio a outubro aproximadamente e o período em que não chove, correspondendo aos demais meses. O mês de janei-



Padre Guido com os alunos

ro corresponde, então, em cheio ao período em que não chove, com clima ameno. Mesmo que corresponda à estação do inverno no hemisfério norte, não chega a fazer frio, nem calor.

A Diocese de Bissau foi criada em 1977, com sede na capital, sendo que no ano de 2001 foi criada, na região leste do país, ainda a diocese de Bafatá e que desde então está aos cuidados do bispo Dom Pedro Zilli, brasileiro, natural de São Paulo e que já atuava no país desde o ano de 1984, como missionário da congregação do PIME. As duas dioceses criaram recentemente, além do já existente seminário para cursos de nível médio, um seminário interdiocesano para os cursos propedêutico, filosofia e teologia, contando com a participação de seminaristas da Ordem dos Franciscanos e da Congregação do Preciosíssimo Sangue, somando ao todo 25 estudantes. As aulas, desde língua portuguesa, latim, história geral e matérias diversas da área dos cursos de filosofia e teologia são ministradas por padres da casa e padres das diversas paróquias da região, além de professores que provêm do Brasil e Portugal.

O seminário conta com dois prédios. Um primeiro prédio, com dois pisos, destinado para alojamentos e outro prédio, para salas de aula, biblioteca, refeitório e demais dependências da cozinha. A preparação dos alimentos está aos cuidados de uma equipe de senhoras que, a cada dia, vem prestar este e demais serviços para a casa. No pátio do seminário há uma torneira onde seguidamente se reúnem senhoras e crianças da vizinhança para buscar água fornecida pelo poço artesiano da casa.

Quanto à comunicação entre os padres e estudantes considerem-se três idiomas, a saber: o português como língua oficial; o kriol, como língua nacional e as línguas étnicas próprias a cada grupo humano ou região do país, passando de 30 idiomas diferentes. Boa parte dos estudantes são iniciantes na prática da língua portuguesa. Por isso o seminário oferece também aulas de português ministradas por um padre missionário da congregação do

Preciosíssimo Sangue, natural de Portugal. No currículo do curso propedêutico e do curso de filosofia constam também aulas de latim e grego bíblico. Para a biblioteca da casa, Dom Pedro Zilli realizou, noutro ano, junto a padres em diversas dioceses de São Paulo e do norte do Paraná uma campanha para a arrecadação de livros da área de filosofia e teologia. A campanha resultou em uma quantia grande de caixas de livros, mas que nem todas ainda foram descaixotadas pela simples falta de estantes para comportar todo o material.

Para a matéria de História da Filosofia antiga e medieval, que está aos meus cuidados no curso de filosofia, o material disponível na biblioteca está bem a contento. Se eu tivesse trazido comigo ao menos um mínimo de material referente à língua grega, o padre Marcos, o responsável pelo currículo de aulas já tinha até programado algumas aulas de grego para eu ministrar no curso propedêutico.

Arquipélago de Bijagós

O Arquipélago dos Bijagós faz parte da Guiné-Bissau e é constituído por 88 ilhas situadas ao largo da costa africana, classificadas pela UNESCO em 1996 como reserva da biosfera. Esta reserva conta com uma diversificada fauna na qual se contam, entre outras espécies macacos, hipopótamos, crocodilos, aves pernaltas, tartarugas marinhas e lontras.

O arquipélago tem uma área total de 2.624 km² e uma população orçada em cerca de 30.000 habitantes. Apenas 20 das ilhas têm populações significativas, já que a maioria ou são desabitadas ou têm populações muito reduzidas.

A maior parte da população do arquipélago pertence à etnia bijagó e dedica cerca de cem dias por ano a rituais religiosos.

Os bijagós constituem um povo africano que habita o arquipélago dos Bijagós, na região da Guiné-Bissau. Não constituem um povo homogêneo, mas sim um conjunto de grupos sociais, conscientes de uma unidade étnica fundamental, com idiomas e costumes variados, que divergem de ilha para ilha, e até dentro da mesma ilha.

Os bijagós terão chegado a estas ilhas depois de terem sido derrotados por outros povos do conti-



Missa junto à comunidade

nente e construído as suas aldeias no centro das ilhas, em plena floresta, para melhor se defenderem. Contudo, existem outros grupos étnicos guineenses que coabitam com os bijagós neste meio insular.

O bijagó autóctone é tradicionalmente ligado às atividades agrícolas, pois a economia do arquipélago repousa essencialmente na agricultura. Quanto à pesca, essa constitui uma atividade complementar e de subsistência. As mulheres dedicam-se igualmente à apanha do marisco e bivalves, principal fonte de proteína animal da população bijagó. Em comparação com outros grupos étnicos da região, os Bijagós são de pele muito mais escura, sendo um dos grupos mais conservadores do país na preservação da sua cultura.

A ilha de Orango tem uma sociedade matriarcal onde as mulheres escolhem os maridos ao lhes cozinhar um prato (tradicionalmente peixe) que, sendo aceito e comido pelo pretendido, se torna o selo da união.

A ilha de Bubaque é a ilha principal do Arquipélago dos Bijagós na Guiné-Bissau e também é o nome da sua principal cidade. A ilha é conhecida por sua vida selvagem e tem uma área florestal muito grande. É ligada por balsa a Bissau e tem um aeroporto.

A ilha de Bubaque, com uma área de 48 km², dezoito dos quais são pântanos alagados pelo oceano durante a maré alta, está situada no canto sudeste do arquipélago. É a ilha mais afetada pela presença dos europeus, escolhida pelos colonizadores alemães antes da I Guerra Mundial e pelo Governo Português depois de 1920, como o centro principal das suas atividades no arquipélago. Os alemães construíram ali uma fábrica para a extração do óleo de palma ou óleo de dendê, um porto para navios de pequena e média tonelagem na parte setentrional e uma quinta experimental em Etimbato, uma tabanca (aldeia) no interior da ilha. (Padre Guido Boufleur)



Missão em Bubaque

Três missionários salesianos recebem título Honoris Causa no Mato Grosso

As Pontifícias Obras Missionárias (POM) unem-se à homenagem prestada a três missionários salesianos, que doaram suas vidas em prol das missões entre os índios Bororo e Xavante, no Mato Grosso: Ir. Adalbert Hide, Padre Bartolomeu Giaccaria e Padre Gonçalo Ochoa. Como parte das comemorações pelo bicentenário do nascimento de Dom Bosco, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), da Inspeção Salesiana de Campo Grande, concedeu o título "Doctor Honoris Causa" a estes três missionários. A Congregação salesiana está há 121 anos, junto a estes índios.

Os homenageados são os seguintes:

Irmão Adalbert Heid

Sistemático, disciplinado, organizado e com grande curiosidade científica, o irmão (ou Mestre - como os coadjutores são conhecidos no Brasil) Adalbert Heide é um alemão apaixonado pela cultura indígena. Nasceu em 1934, em Ratibor, cidade que pertencia à Alemanha e que, depois da guerra, passou a pertencer à Polônia. Logo após a sua profissão religiosa assumiu a sua vocação missionária no Brasil. Aos 23 anos realizou o seu sonho de entrar em uma missão indígena. Foi em Sangradouro, em meio ao povo Xavante que ele passou a fazer o que realmente sonhava.

O mestre se adaptou rápido à cultura, inclusive no domínio total do idioma xavante. Tanto é que entre as atribuições assumidas por ele estavam as de intérprete, professor da língua Xavante e de cultura religiosa, assessor de jovens índios, escritor e tradutor em Xavante da missa e de muitos textos da bíblia. Um dos trabalhos mais reconhecidos é a autoria da escrita e numeração xavante e a coautoria dos livros "Xavante povo autêntico", "Jerônimo Xavante sonha: contos e sonhos", publicados em 1972 e 1975.

Padre Bartolomeo Giaccaria

Aos 82 anos, o sacerdote salesiano Bartolomeo Giaccaria, natural de Chiusa Pesio (Cúneo) - Itália, continua a percorrer as missões salesianas em estradas precárias para anunciar o evangelho.

Desde 1961, ele leva o amor a Jesus Cristo e a devoção a Dom Bosco aos Bororos e Xavantes por meio da itinerância missionária. Ali, o sacerdote passou a coletar elementos linguísticos e gramaticais da língua Xavante para redigir um dicionário xavante-português. A edição provisória e reduzida



Os três homenageados

da obra foi publicada com mais de mil verbetes, em 1957. A partir do ano seguinte, seguiu com as publicações da cartilha bilíngue e o catecismo bilíngue (xavante - português). Duas de suas obras literárias foram reconhecidas internacionalmente: os livros: "AuweUptabi - UominiVeri: Vita Xavante" e "Jerônimo Xavante Conta e Jerônimo Xavante Sonha" - traduzidos em espanhol e inglês - e publicados pela Universidade de Quito e da Califórnia.

Padre Gonçalo Ochoa

Padre Gonçalo Alberto Ochoa Camargo tem 85 anos e há 48 anos trabalha na Aldeia Meruri, da etnia bororo. É autor de vários livros, entre eles uma das partes da Enciclopédia Bororo, "A História Mítica Bororo", "Lendas Bororo", "Novo Testamento em Língua Bororo" e de leituras bíblicas usadas em missas e sacramentos. Sempre teve seriedade de seu trabalho em pesquisas antropológicas, a perseverança para enfrentar as dificuldades do idioma e o aprendizado da nova cultura foram transpassadas pela sua força de vontade em conquistar um sonho: de ser missionário entre os indígenas.

Padre Ochoa sempre viveu a mística do estudo e da ação, do rezar a práxis, de ser caminheiro com o povo bororo, de respeitar a cultura e compreendê-la e amá-la para então evangelizar.

A Missão Salesiana de Mato Grosso mantém quatro presenças missionárias entre as etnias Bororo e Xavante, em Mato Grosso, MT. São as comunidades salesianas Sagrado Coração de Meruri, São José de Sangradouro, São Marcos e a Casa Filipi Rinaldi, em Nova Xavantina. Atualmente 15 salesianos entre padres e irmãos (chamados carinhosamente por mestres) desenvolvem atividades de cidadania, educação, evangelização e de sustentabilidade, em sintonia com essas culturas. Muitas delas assumiram o cristianismo em suas histórias e a devoção mariana foi incorporada com muito fervor. (Texto condensado)

Fládima Christofar

Ir. Amelia: 30 anos de doação missionária em Moçambique

Uma das primeiras missionárias brasileiras em solo moçambicano, Irmã Amelia Marcon, 77 anos, faleceu na terça-feira, 1º de dezembro, em Nampula, Moçambique, onde estava há 30 anos. Religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, doou-se incansavelmente, na ação evangelizadora junto aos irmãos moçambicanos. Em testamento, pediu para ser sepultada junto ao povo “que lhe deu uma nova família”.

Amelia Marcon nasceu no dia 10 de julho de 1938 em Turvo/SC. Em 1954, ingressou na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, em Gravataí/RS. Professou votos religiosos em 1962. Em 1983, depois de pedido da igreja de Moçambique à Igreja brasileira, por especial solicitação do então presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheider, a Congregação decidiu enviar as Irmãs Lady Ribeiro, Irma Toniolo, Lidia Maria Viera e Amelia Marcon para a missão evangelizadora, em Moçambique. As Irmãs chegaram ao país, em 1985.

Em solo africano, Irmã Amelia e suas companheiras atuaram na missão evangelizadora, especialmente em comunidades onde não havia padres. Trabalharam na catequese, formação de lideranças, saúde alternativa, hospital, animação vocacional, educação formal e popular. As Irmãs também vivenciaram, junto com o povo, o sofrimento da guerra civil, encerrada somente em 1992.

Sobre sua morte, a religiosa pediu, em testamento: “No que diz respeito à minha vida após a morte, bem consciente, digo que podem deixar o meu corpo onde dediquei minha vida. Se estiver em Moçambique, deixar-me lá, junto ao povo, que me ensinou amar e se deixou amar, e que hoje consti-



Ir. Amelia

tui para mim uma família”.

Em comunicado, a Província Maria Mãe de Deus, responsável pela missão congregacional em Moçambique, destacou: “No final de sua história terrena, fica plantada para sempre no solo moçambicano, e de lá ressurgirá gloriosa e triunfante pela força da fé e da doação de sua bela e prendada vida. Misturam-se, em nós, tristeza e alegria. Tristeza pelo falecimento de Irmã Amelia. Ficaremos para sempre na saudade. Alegria, pela sua ressurreição! Ressurreição que vem de solo missionário e bem distante de nós. Com o povo moçambicano que viveu, trabalhou, sofreu e promoveu, ficará para sempre plantada, junto dele que tanto amou e se doou por ele.”

Irmã Marlise Hedges, Diretora Geral das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, enviou mensagem de condolências às comunidades ICM em Moçambique e destacou a vida doada da Irmã Amelia Marcon, uma vida de entrega e fidelidade até o fim: “O seu corpo sepultado em terras moçambicanas será semente que fará germinar mais vocações para o Reino de Deus.” e continuou: “Sigam em frente, queridas Irmãs, Noviças, Postulantes e Aspirantes, com coragem e alegria, porque mais uma intercessora alcançará graças em favor do querido e sofrido povo moçambicano e por toda a Congregação”, disse.

Após celebração de exéquias, o corpo da Irmã Amelia Marcon foi sepultado em Nampula.



Ir. Amelia (ao meio) na celebração litúrgica